

ORIGENS DA PAISAGEM EM AUGUSTIN BERQUE: PENSAMENTO PAISAGEIRO E PENSAMENTO DA PAISAGEM

Landscape origins in Augustin Berque: landscaping thought and landscape thinking

Hugo Leonardo Marandola¹

Lívia de Oliveira²

RESUMO

O geógrafo Augustin Berque dedica boa parte de sua obra ao estudo da paisagem, tendo como uma de suas bases de pensamento a fenomenologia. Para o autor, a paisagem é uma das formas de expressão da relação entre homem e meio, e por isso ele se dedicou na busca do sentido profundo da paisagem, investigando suas origens na humanidade. Neste caminho, Berque encontrou registros do termo paisagem muito anteriores ao Renascimento europeu, comumente apontado como período de surgimento do conceito. Apesar de esta ser a origem do termo no ocidente, na China do século IV, cerca de mil anos antes da civilização ocidental, há registros tanto do vocábulo paisagem, como de uma reflexão sobre o mesmo. Por esse contexto de surgimento, ou nascimento, Berque considera que o sentido profundo da paisagem é revelado a partir de suas origens na China. Propõe ainda as noções de pensamento paisageiro e pensamento da paisagem.

Palavras-chave: Sentido de paisagem. Epistemologia da paisagem. Geografia humanista. Geografia cultural.

ABSTRACT

The geographer Augustin Berque dedicated most of his work in the study of landscape, having phenomenology as one of his bases of thought. For him, the landscape is one of the many ways of expression of the relationship between man and environment, and that's why he dedicated himself in the search of deep sense of landscape, searching its origin in the humankind. In that path, Berque found some registers of the term landscape much earlier than the European Renaissance, usually pointed as the birth of the concept. Although this is the origin of the term in the West, in the IV century China, about a thousand years before the western civilization, there are records of both the term landscape, and a reflection on it. In this context of emergence, or birth, Berque considers that the deep sense of the landscape is revealed from its origins in China. He also proposes the notions of landscaping thought and landscape thinking.

Key-words: Sense of landscape. Epistemology of landscape. Humanist Geography. Cultural Geography.

1 Mestre em Geografia pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Rio Claro. hmarandola@yahoo.com.br.

✉ Rua Prof. Loureiro Fernandes, 160, sb04, Santa Cândida, Curitiba, PR. 82640-020.

2 Professora Emérita da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Rio Claro. liviadeoliveira@yahoo.com.br.



INTRODUÇÃO

A paisagem é um conceito presente na Geografia desde seus primórdios até sua consolidação enquanto ciência. Está entre os conceitos-chaves desta disciplina e já foi abordada a partir de diferentes vertentes filosóficas e científicas ao longo dos séculos XIX e XX. É consenso entre os estudiosos que, no ocidente, a noção de paisagem surge inicialmente no Renascimento, ligado às técnicas de pintura em perspectiva. Alguns autores citam as pinturas rupestres, que retratavam o meio onde as populações antigas viviam, como os primeiros traços do que viria a ser paisagem, mas ainda assim, se firmando enquanto conceito apenas na modernidade. A Geografia e outras ciências como a Arquitetura, a Sociologia e a Literatura, se apropriaram da noção de paisagem e lhe aportaram outros sentidos, aprofundando e ampliando a discussão sobre o tema (HOLZER, 1998; MARANDOLA JR., 2014; MAXIMIANO, 2004).

Quando surgiu no Renascimento, a paisagem se restringia a uma perspectiva, àquilo que pode ser abarcado com o olhar. Esta origem está ligada à arte e às técnicas de pintura em cavalete. Ainda no século XIII, uma corrente de pintores italianos utilizava elementos naturais em suas pinturas. O plano de fundo de suas obras de cunho religioso era recheado de elementos naturais que posteriormente foram desenvolvidos como pinturas de paisagem, e teve ampla difusão pelo continente europeu. A partir do século XV, uma grande escola foi se formando e se espalhando pelo velho continente, alcançando a Alemanha, Holanda, Inglaterra, França dentre outros países. Duas foram as principais técnicas utilizadas nas pinturas de paisagem neste contexto: as noções de perspectiva e profundidade e a posterior técnica do *chiaroscuro*. Estas técnicas possibilitaram o enquadramento de grandes áreas numa escala reduzida, e em apenas duas dimensões.

O termo paisagem, inicialmente se referia a estas pinturas, ou seja, ao produto da arte de representar numa tela um dado acontecimento enquadrado por uma dada realidade geográfica. E foi assim por quase dois séculos, até que o termo teve ampliados seus sentidos e ganhou outros significados (ALVES, 2001; PADUA, 2013).

Em fins do século XIX seu significado é ampliado, como no caso de *landshaft*, termo que designa paisagem em alemão. *Landshaft* pode se referir a toda uma região e seus elementos, não se limitando à perspectiva de uma mirada (HOLZER, 1998, p.53). Tanto em alemão, como no holandês *landskap* e no inglês *landscape*, os termos já existiam e foram adaptados para se referir também à paisagem, onde a estrutura da palavra transmite a ideia de organização do território. Já nas línguas latinas, como *paesaggio* em italiano e *paysage* em francês, além de paisagem em português e *paisaje* em espanhol (que derivam do francês), tem origem na palavra *pays*, que pode ser traduzido como país. O sufixo *age*, no caso do francês, exprime a ideia de um conjunto apreendido com um olhar (BERQUE, 1995, p.104-105). O que vemos é que diferentes idiomas, diferentes culturas e diferentes escolas científicas fizeram da paisagem uma expressão polissêmica, resultado de discussões sobre suas aplicações, sentidos e significados tanto na geografia como em outras áreas do conhecimento. Como resultado, temos hoje uma série de adjetivos agregados ao termo: paisagem natural, paisagem cultural, paisagem rural, paisagem urbana, paisagem sonora, paisagens do medo, para citar apenas alguns.

Este é o contexto, bastante resumido, da construção do conceito de paisagem na civilização ocidental, herdeira do pensamento europeu. E o que propomos com este texto, é ir além desta visão sobre paisagem, procurando encontrar o sentido profundo da paisagem em suas origens mais remotas, que se deu na China do século IV. Para tanto, buscamos seguir e analisar o caminho que o geógrafo Augustin Berque

percorreu. Ele dedicou boa parte de sua obra ao estudo da paisagem, e tem como uma de suas bases de pensamento a fenomenologia.

O intuito de Berque ao buscar o sentido profundo de paisagem é o de elucidar a essência deste conceito a partir de sua origem. Desta maneira, é possível contrapor a forma como se concebe a paisagem hoje, em diversas sociedades e ciências, que acaba por nos levar a um “distanciamento da paisagem enquanto dado sensível, abstraindo-se o sujeito que com ela se relaciona” (HOLZER, 2004, p.57). Ao encontrar uma relação intrínseca entre o objetivo e subjetivo no surgimento do conceito de paisagem no oriente, Berque propõe que o sentido do termo foi obliterado, e que ao retornarmos às suas origens, poderemos retomar também esta relação mais direta entre homem e meio. Para compreender como o autor chega a esta conclusão, retomemos a forma como ele concebe a paisagem.

NOÇÃO DE PAISAGEM EM BERQUE

O geógrafo Augustin Berque, que também se considera um orientalista, se dedica há algumas décadas à análise dos discursos vigentes na filosofia da ciência contemporânea, e concentra sua obra na busca de uma alternativa a eles. Tanto em artigos (1985; 1987; 2011a) como em seus principais livros (“*Mediánce: de milieux em paysages*”, 1990/2000; “*Le pensée paysagère*”, 2008 (2016); “*Écoumène: introduction à l’étude des milieux humains*”, 2010; e, “*Poétique de la Terre: histoire naturelle et histoire humaine, essai de mesologie*”, 2014), Berque retoma a discussão em torno dos obstáculos impostos pelos discursos vigentes que, para ele, são dois os principais que se contrapõem. O primeiro, e dominante, é o materialista, onde as leis universais dos objetos são absolutas. O discurso oposto (de difícil denominação) é aquele onde o sujeito individual é absoluto. Nenhuma destas correntes

é capaz de explicar a relação que existe entre o homem e a Terra de maneira cabal. A primeira afirmaria que a natureza comanda a cultura, enquanto a segunda seria o oposto, a cultura é autônoma e se projeta sobre a natureza, um dualismo entre o objetivo e o subjetivo.

Berque designa esta reflexão como paradigma ocidental moderno clássico, e analisa como este promoveu a ruptura entre físico e fenomênico, objetivando o mundo e o distanciando do sujeito. Assim, enquanto as sociedades tradicionais tinham o corpo como medida, a modernidade traz incomensuráveis referências de escala e tempo, gerando uma crise de sentidos.

O mundo [...] é abstraído do sujeito. É constituído por objectos quantificáveis e manipuláveis, dispostos num espaço absoluto (homogêneo, isotrópico e infinito), onde os lugares são neutros. É radicalmente estranho ao mundo fenomênico, onde as coisas e os lugares são sempre qualificados pela sua relação com o sujeito.

Servindo o homem, a tecnologia contemporânea subjuga-o. As redes de comunicação, por exemplo, libertando-o cada vez mais dos constrangimentos da extensão e do peso das coisas, massacram, por sua vez, as paisagens que ele ama e exercem para com elas a “tirania do tempo real” (BERQUE, 2011a, p.189-190).

Berque propõe uma alternativa a estes discursos excludentes buscando transpor o dualismo existente, fundamentando um pensamento geográfico centrado na relação intrínseca e essencial entre o homem e o meio. Para tanto, estabelece um diálogo entre as filosofias ocidental e oriental, com base na obra do filósofo japonês Watsuji Tetsurô e a confrontando com a filosofia de Heidegger (DAL GALLO, 2014).

Esta influência oriental leva Berque a analisar a realidade de maneira tanto objetiva como subjetiva, pois é impossível abstrair

Origens da paisagem em Augustin Berque: pensamento paisageiro e pensamento da paisagem

Hugo Leonardo Marandola e Livia de Oliveira

toda a realidade objetivamente. Os objetos, os seres e as coisas estão carregados de sentidos, de história e de cultura. A realidade é tanto física como fenomenal, conjuntamente. É uma relação constante. É uma das formas possíveis de apreender tal relação entre a humanidade e a superfície terrestre, é através da paisagem. Para o autor, a paisagem é uma entidade privilegiada para alcançar esta intersubjetividade, ela é a expressão de nossa relação com a Terra. Pensando a paisagem e sobre a paisagem, é possível encontrar ou reencontrar a “medida comum do Homem com a Terra, e do Homem consigo mesmo” (BERQUE, 2011a, p.198). A seguir o autor demonstra toda a potência do conceito.

Seja no Sahel, seja nos nossos subúrbios, a urgência com que nos deparamos de reencontrar a medida do mundo ambiente confere um valor epistêmico e prático sem precedentes à paisagem; porque é antes de mais [nada] na paisagem que se exprime o sentido da nossa relação com a extensão terrestre. A paisagem não é somente a superfície das coisas; é, pelo contrário, essencial à própria existência da sociedade, porque através do sentido das coisas motiva os seres humanos a habitarem em conjunto (BERQUE, 2011a, p.198).

A paisagem é então fundamental para o enfrentamento da crise dos discursos vigentes que Berque se preocupa, pois, para ele, a paisagem vai além dos dados visuais do mundo. A subjetividade do observador, que é mais que um simples ponto de vista ótico, sempre está presente. Ele aponta que,

Inversamente, a paisagem não é o “espelho da alma”. Ela se refere a objetos concretos que existem realmente em torno de nós. Não é nem um sonho nem uma alucinação; porque, mesmo se aquilo que ela representa ou evoca pode ser imaginário, ela exige sempre um suporte objetivo. [...]

Dito de outra maneira, a paisagem não reside somente no objeto nem somente no sujeito, mas na interação complexa destes dois termos. Esta relação, que põe em jogo diversas escalas de tempos e de espaço, implica tanto na instituição mental da

realidade, como na constituição material das coisas (BERQUE, 2013a, p.26).

Assim, a paisagem não está num olhar sobre os objetos, ela está na realidade das coisas, ou seja, na relação que temos com nosso ambiente (BERQUE, 2016, p.49). Ela é uma construção mental do homem, mas não somente isso. Também é a constituição material das coisas. A paisagem está na relação e na interação entre objetivo e subjetivo, homem e meio. “Esta integração compreende os aspectos físicos [...] e os aspectos fenomenais [...], uns e outros em perpétua correspondência e se entre-determinando de maneira ao mesmo tempo simbólica e ecológica”³ (BERQUE, 2000, p.42-43). Na figura 1, buscamos expor de maneira gráfica esta inter-relação entre objetivo e subjetivo, que ocorre no trajeto-da-paisagem.

Berque distingue esta relação em três níveis de escalas de tempo e de espaço: uma escala geológica, do planeta; uma escala dos seres vivos, da biosfera; e, uma escala histórica e cultural, da humanidade (que o autor chama de ecúmena). Ele afirma que o sentido profundo da paisagem, que é concretamente arraigado em certo lugar e certa época, é a relação dinâmica que se estabelece entre estas diferentes escalas. O planeta é alicerce da biosfera que, por sua vez, é alicerce da ecúmena. Na relação entre estes três níveis está o momento estrutural da existência humana. E, na paisagem, está impressa a maneira como cada ser humano estabelece esta relação (BERQUE, 2016, p.89). Ela agiria como uma mediadora entre o homem e o meio (ecúmena, biosfera e planeta) e não apenas um dado uma projeção, como explica o autor:

³ Tradução livre de: “Cette intégration comprend des aspects physiques [...] et des aspects phénoménaux [...], les uns et les autres en perpétuelle correspondance et s’entre-déterminant de manière à la fois symbolique et écologique”.

Origens da paisagem em Augustin Berque: pensamento paisageiro e pensamento da paisagem

Hugo Leonardo Marandola e Livia de Oliveira

A paisagem não é somente um 'dado' que será a forma objetiva do meio. Ela não é somente uma projeção que será a visão subjetiva do observador. A paisagem é um aspecto do produto fundamental que institui o sujeito enquanto tal, dentro do meio enquanto tal⁴ (BERQUE, 1985, p.100).

Ele insiste que a paisagem é um emaranhado de significados, objetos, coisas, sentimentos e sensações, numa relação interminável, que traz certa ordem e sentido ao espaço e ao tempo, como destacado no trecho que segue:

De fato o que está em causa não é somente a visão, mas todos os sentidos; não é somente a percepção, mas todos os modos de relação do indivíduo com o mundo; enfim, não é somente o indivíduo, mas tudo aquilo pelo qual a sociedade o condiciona e o supera, isto é, ela situa os indivíduos no seio de uma cultura, dando com isso um sentido à sua relação com o mundo (sentido que, naturalmente, nunca é exatamente o mesmo para cada indivíduo) (BERQUE, 1998b, p.87).

Ou seja, a paisagem ultrapassa o aspecto visual e material da realidade, levando esses aspectos em conta, mas sempre em relação com aspectos subjetivos. Assim compreendida, a paisagem é a dimensão sensível e simbólica do meio, ou a própria manifestação da relação entre o homem e a superfície terrestre, expressão da existência humana. Mas nem sempre o foi. Apesar de hoje a paisagem ser uma forma comum e disseminada de se relacionar com o meio, não é a única. Sendo um construto da mente humana, a paisagem passou por um longo processo de formação na história do homem, e Berque considera que compreender tal processo é fundamental para apreender o sentido profundo da paisagem.

Na tradição ocidental, a noção de paisagem surge no Renascimento europeu. Mas os primeiros registros sobre uma reflexão explícita sobre paisagem datam do século IV na China, cerca de mil anos antes da Europa. Por este contexto, Berque considera que o **sentido profundo da paisagem** é revelado a partir de suas

⁴ Tradução livre de: "Le paysage n'est pas seulement une "donnée", qui serait la forme objective du milieu. Il n'est pas seulement, non plus, une projection, qui serait le regard subjectif de l'observateur. Le paysage, c'est un aspect du rapport fondamental qui institue le sujet en tant que tel, dans son milieu en tant que tel", realizada por Holzer (2004, p.58).

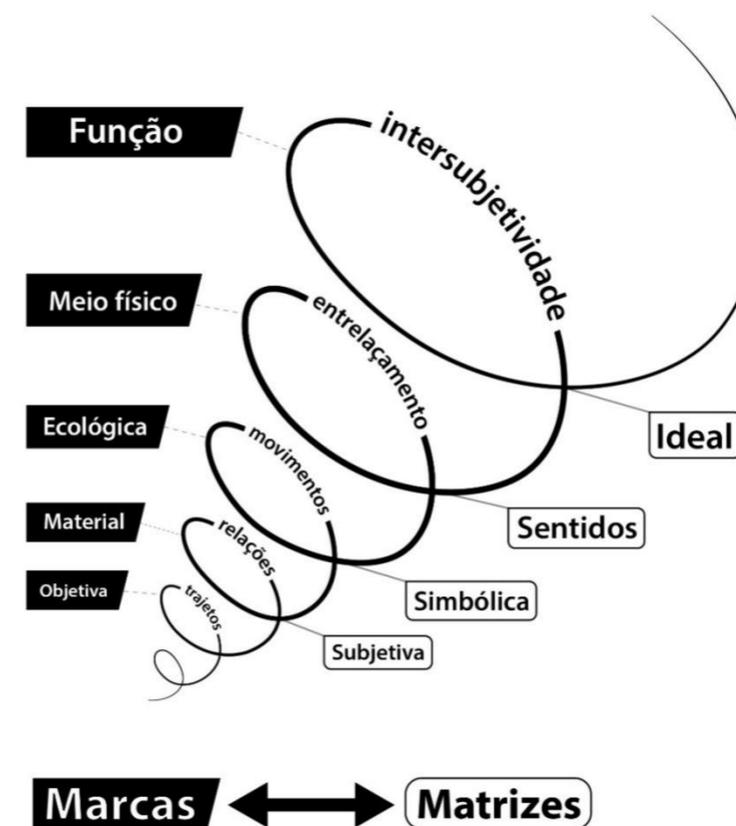


Figura 1: Trajeto-da-paisagem.

Fonte: MARANDOLA, H. L., 2017, adaptado.

origens na China. E como o termo surge antes no oriente, ele analisa a concepção ocidental em relação à chinesa, e não o contrário.

Noção da paisagem no ocidente e no oriente

Mas, porque a noção de paisagem surge antes na China, e com tamanha diferença de tempo? Ou, porque se

Origens da paisagem em Augustin Berque: pensamento paisageiro e pensamento da paisagem
Hugo Leonardo Marandola e Livia de Oliveira

passaram mais de mil anos para a noção de paisagem chegar à Europa, e com diferenças em sua concepção?

Faz-se necessário uma contextualização. Na China do século IV, foram os eruditos que registraram e usaram o termo paisagem pela primeira vez. Era o período das Seis Dinastias, que se estendeu entre os séculos III e VI, e foi marcado pela instabilidade política com o poder centralizador enfraquecido, mas buscando uma reunificação após uma sucessão de guerras incessantes. No período das guerras, muitos homens da elite letrada se retiraram para suas terras no interior, e diversos deles permaneceram longe das decisões políticas ou por desacordo com o novo governo ou simplesmente por terem se apegado ao novo estilo de vida eremita. Estes eruditos, afastados de um discurso dominante e longe da capital, tiveram a oportunidade de se dedicar apenas à busca do conhecimento. Berque chama esse grupo de intelectuais de classe do lazer, pois possuíam terras, mas não a trabalhavam. Havia muitos servos que realizavam todo o trabalho, tanto os domésticos como os do campo. Os literatos podiam então lançar um olhar puramente contemplativo sobre o ambiente. “A paisagem nasceu assim sob o signo do *otium*: o ócio daqueles que não trabalham a terra, ou seja, que não transformam a natureza pelas suas mãos” (BERQUE, 2011b, p.205).

Esta elite letrada chinesa, conhecida como literatos, era composta por homens que em sua infância, de acordo com a cultura da época, deveriam aprender as seis artes chinesas e os seis clássicos confucionistas. Dentre estas artes, encontravam-se a literatura, poesia, pintura e caligrafia. Apesar de aprenderem a arte da pintura, não raro, nem mesmo se consideravam pintores, pois se dedicavam às artes e ao conhecimento, e a profissão de pintor era considerada inferior. Assim, buscavam o conhecimento por meio das artes, incluindo a pintura (SCHACHTER, 2011). Dentre os diversos literatos

que se dedicaram à poesia e pintura da paisagem na China, o poeta Zong Bing (375-443) foi o primeiro a escrever um tratado sobre pintura de paisagem, e é considerado por Berque como a primeira reflexão explícita sobre paisagem.

A palavra chinesa *shanshui*, antes de receber o significado de paisagem, significava literalmente “as águas da montanha”. Na obra de Zong Bing é evidente a influência mítico-religiosa do pensamento chinês sobre a paisagem. Na cultura da Ásia oriental, as montanhas não se limitam ao resultado de dobramentos tectônicos e camadas de rochas. Tuan (2012), por exemplo, escreve sobre a individualidade atribuída às montanhas na China, citando as Cinco Montanhas Sagradas de que falam os chineses até hoje. As águas vão além dos rios e mares, chuvas e lagos, elas representam o tempo, o movimento. Há sempre um emaranhado de sentidos e signos imbricados nos elementos naturais. A paisagem possui uma forma material que remete ao espiritual. Neste contexto, ela sempre foi mais que o aspecto externo do ambiente.

A beleza das formas, a harmonia no ambiente e a noção estética eram importantes para os poetas chineses que pintavam a paisagem. Mas as montanhas eram também um local de busca do saber. Zong Bing, em sua velhice, pintava paisagens de montanhas a partir da memória de suas jornadas enquanto jovem. Ele buscava, com a pintura e com a poesia, remeter aos sentidos que as montanhas evocavam. Para ele, o saber se fazia num cenário específico, as montanhas. E devido à sua impossibilidade de continuar suas jornadas de conhecimento *in loco*, Zong Bing pintava e escrevia poemas que remetiam às montanhas, prosseguindo com sua busca do saber através da paisagem (SCHACHTER, 2011, p.10). Muitos discípulos seguiram os passos de Zong Bing, e suas obras transitavam de um modo de

Origens da paisagem em Augustin Berque: pensamento paisageiro e pensamento da paisagem
Hugo Leonardo Marandola e Livia de Oliveira

expressão a outro, da poesia à pintura, da música à literatura. Nunca presa às formas físicas, mas sempre em relação a elas.

Na China, sempre houve uma relação intrínseca entre o pensamento da natureza, da paisagem e um fundamento mítico-religioso. A natureza está conectada ao mundo e ao homem. Objetivo e subjetivo não se distinguem, fazem parte do todo. A filosofia taoista tinha forte influência na forma de ver o mundo do chinês. O *fengshui*, uma das tradições mítico-religiosas orientais ligadas ao taoismo, atribui sentido, ordem e unidade ao mundo chinês, tanto no espaço como no tempo. Berque, sem entrar nas questões dos princípios envolvidos no *fengshui*, destaca que ao aplica-lo, ele é irreduzível ao físico, pois se relaciona diretamente com o *qi*, que seriam as vibrações que cada elemento da natureza e cada pessoa emitem. Além disso, é um maravilhoso regulador da paisagem, ordenando os espaços (BERQUE, 2016, p.75-76).

No ocidente, num contraponto em relação à China, a paisagem surge como uma forma de libertação da religiosidade, ou da sacralização da natureza. Os prazeres terrenos deviam ser evitados, e assim o gozo da apreciação de um belo pôr do sol num lago próximo a uma montanha arborizada ou o simples prazer de observar e apreciar uma vista, eram evitados, pois tinham a desaprovação da Igreja. A pintura de paisagem surge num instante de ruptura com tal pensamento, onde o homem passa a gozar dos prazeres terrenos, a desenvolver técnicas científicas que o possibilitam “dominar” a natureza. É um momento em que o homem passa a ter um sentimento de maior controle sobre o mundo, sobre o que está a sua volta. Há uma dessacralização da natureza na pintura de paisagem surgida no ocidente (KERN, 2011).

A técnica de pintura em perspectiva ganha força neste momento de distanciamento da religiosidade, e transforma a natureza em objeto, domínio do homem. A paisagem à europeia surge então, na busca

de uma representação objetiva da natureza, distante do homem, material e quantificável. Para Berque, diferente da China, as pinturas na Europa representavam o ambiente enquanto objeto substancial, sua forma exterior e completa, e não em relação com o sujeito. Havia um academicismo presente nos quadros, uma atitude científica de observação imparcial, que resultava em cenas rigidamente simétricas. Por meio da pintura de paisagens, o homem passa a dominar e ordenar os espaços pela sua forma mensurável. Esta cena representada num quadro, este aspecto visível e ordenado da realidade, é denominado de paisagem no Renascimento europeu, e somente décadas mais tarde tem incorporado outros sentidos.

De fato, foi enquanto forma visual autônoma que a paisagem apareceu na Europa; e esta forma só foi nomeada em seguida, ao contrário do que se passou na China. A própria palavra paisagem, nas línguas europeias, é dezenas de anos posterior aos primeiros quadros de paisagem (BERQUE, 2013b, p.38).

Assim, no ocidente a pintura de paisagens surge antes da própria palavra “paisagem”. Para Berque, esta é uma questão fundamental, pois ao buscar representar o ambiente da maneira mais fiel possível em relação às suas formas, era necessário objetivar o ambiente, dividindo o mundo entre “um ponto de vista subjetivo (centrado no homem) e um ponto de vista centrado no objeto (a natureza)” (BERQUE, 2013b, p.38). Ao contrário, na China, a noção de paisagem surge antes na poesia e na literatura, para então passar à pintura. Houve antes uma reflexão sobre a paisagem, para então representá-la, por meio da pintura, com suas nuances subjetivas, evidenciando a relação entre o físico e o sensível. É este dualismo entre um mundo físico e outro simbólico, presente na noção de paisagem no ocidente que Berque

Origens da paisagem em Augustin Berque: pensamento paisageiro e pensamento da paisagem
Hugo Leonardo Marandola e Livia de Oliveira

buscou superar, resgatando o sentido profundo e originário de paisagem na China.

O PENSAMENTO PAISAGEIRO E O PENSAMENTO DA PAISAGEM

Na procura deste sentido profundo da paisagem para transpor tal dualismo, Berque reconheceu uma diferença entre o que chamou de **pensamento paisageiro** e **pensamento da paisagem**. O último seria uma reflexão explícita sobre paisagem. Como os dois casos apresentados, na China e na Europa, onde o autor aponta o nascimento da paisagem exatamente quando surgiram termos que a designassem, e produção de literatura sobre paisagem. São diversas as possibilidades com que cada grupo pode estabelecer suas relações com o meio. A paisagem é uma delas, e se espalhou pelo mundo com a modernidade. Mas, segundo Berque, a forma como a sociedade moderna encara a paisagem, é mais como objeto de pensamento, reflexão e contemplação do que a própria relação com o meio.

Esta forma específica de relação com o meio é o pensamento paisageiro, que por sua vez, não demanda necessariamente de palavras. Berque reflete que povos que não tinham uma palavra que designasse a “paisagem” podiam produzir paisagens muito belas e apreciadas por nós ainda hoje, como os vinhedos de Borgogne ou a cidade medieval de Rocamadour, ambos na França. O autor cita exemplos de povos europeus e africanos, anteriores ao Renascimento, que sem dúvida possuíam um pensamento paisageiro. Há evidências materiais do trabalho e da relação destes povos com a superfície terrestre, que o resultado ainda podemos observar em suas paisagens deslumbrantes, que nos revelam um certo gosto, um apreço pela paisagem (BERQUE, 2016, p.9). Podemos acrescentar as magníficas paisagens deixadas pelos povos pré colombianos de nosso continente americano, como

Machu Picchu, no Peru, Teotihuacán e Tenochtitlán, no México. São áreas onde é evidente uma preocupação com a ordenação dos elementos e a beleza resultante é estonteante.

O pensamento paisageiro, portanto, reflete a relação íntima existente entre o homem e a Terra, pois pelo trabalho humano, a paisagem vai sendo transformada, e a própria paisagem transforma o homem. Para Berque, “[...] o pensamento paisageiro é primordial em relação ao pensamento da paisagem. Este é o **sentido profundo** da paisagem”⁵ (BERQUE, 2016, p.59, destaques no original). Foram as inúmeras gerações que antecederam o surgimento da noção de paisagem, mas que tinham notadamente um pensamento paisageiro, que possibilitaram uma reflexão sobre a paisagem, resultando num pensamento da paisagem.

Para Berque “a paisagem nos faz pensar de certa maneira, e algumas ideias nos vem exatamente da paisagem”⁶ (BERQUE, 2016, p.7). Ligando profundamente pensamento e paisagem. Porém uma das questões que continua motivando suas pesquisas acerca da relação entre o homem e seu meio por meio da paisagem é esta aparente contradição existente em nossa época, que é a que mais se fala sobre paisagem, se reflete sobre paisagem, se escreve sobre paisagem, e em contrapartida, a que mais devasta as paisagens. Por isso, para Berque, há a necessidade de uma retomada do pensamento paisageiro como forma inclusive de preservar as paisagens.

Estas reflexões sobre o sentido profundo da paisagem nos trazem alguns caminhos a seguir nos estudos que tomam este conceito, ou esta forma de relação entre o homem e seu meio, como objeto de pesquisa. A análise das paisagens se mostra um campo de estudos

5 Tradução livre de: “[...] la pensée paysagère est primordiale par rapport à la pensée du paysage. C’est le **sens profond** du paysage”.

6 Tradução livre de: “le paysage appelle à penser d’une certaine manière, et même que certaines idées nous viennent justement du paysage”.

Origens da paisagem em Augustin Berque: pensamento paisageiro e pensamento da paisagem
Hugo Leonardo Marandola e Livia de Oliveira

ainda fértil, tendo muitas contribuições para a compreensão do mundo e a construção do conhecimento. 

REFERÊNCIAS

ALVES, Teresa. Paisagem – em busca do lugar perdido. **Finisterra**. v.36, n.72, 2001, p.67-74.

BERQUE, Augustin. Milieu, trajet de paysage et déterminisme géographique. **L'Espace géographique**, v.14, n.2, p.9-104, 1985.

BERQUE, Augustin. Milieu et motivation paysagère. **L'Espace Géographique**, n.4, p.241-250, 1987.

BERQUE, Augustin. Le paysage de la modernité. In: BERQUE, Augustin. **Les raisons du paysage, de la Chine antique aux environnements de synthèse**. Paris: Editions Hazan, 1995, p.103-140.

BERQUE, Augustin. Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998b, p.84-91.

BERQUE, Augustin. **Médiance**: de milieux en paysages. (1ª ed. Paris: Reclus, 1990) 10ª ed. Paris: Éditions Belin, 2000.

BERQUE, Augustin. **La pensée paysagère**. Paris: Aux éditions Éoliennes, 2016.

BERQUE, Augustin. **Écoumène**: introduction à l'étude des milieux humanis. Paris: Éditions Belin, 2010.

BERQUE, Augustin. A ecúmena: medida terrestre do Homem, medida humana da Terra. In: SERRÃO, Adriana Veríssimo. **Filosofia da paisagem**. Uma antologia. Lisboa, Portugal: Vniversitas, Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2011a, p.187-199.

BERQUE, Augustin. O pensamento paisageiro: uma aproximação mesológica. In: SERRÃO, Adriana Veríssimo. **Filosofia da paisagem**. Uma antologia. Lisboa, Portugal: Vniversitas, Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2011b, p.200-212.

BERQUE, Augustin. Introdução. In: BERQUE, Augustin. **Cinco propostas para uma teoria da paisagem**. (tradução de Vladimir Bartalini) Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Universidade de São Paulo: São Paulo, 2013a, p.25-30.

BERQUE, Augustin. Paisagem, meio, história. In: BERQUE, Augustin. **Cinco propostas para uma teoria da paisagem**. Trad. Vladimir Bartalini Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Universidade de São Paulo: São Paulo, 2013b, p.31-42.

BERQUE, Augustin. **Poétique de la Terre**: histoire naturelle et histoire humaine, essai de mesologie. Paris: Belin, 2014.

DAL GALLO, Priscila Marchiori. A influência do pensamento oriental na geografia de Augustin Berque: a filosofia de Watsuji Tetsurô. **Geograficidade**, Niterói, RJ, v.4, n.2, p.32-47, 2014.

HOLZER, Werther. Um estudo fenomenológico da paisagem e do lugar: a crônica dos viajantes no Brasil no século XVI. **Tese** (doutorado em Geografia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

HOLZER, Werther. Augustin Berque: um trajeto pela paisagem. **Espaço e cultura**, UERJ, Rio de Janeiro, RJ, n.17-18, p.55-63, 2004.

KERN, Maria Lúcia Bastos. História e Arte: as invenções da paisagem. **Anais... XXVI Simpósio Nacional de História**, ANPUH, São Paulo, 2011.

MARANDOLA JR., Eduardo. **Um sentido fenomenológico de paisagem**: o sentir em mistura do ser-lançado-no-mundo. Texto-base da Conferência proferida no "Seminário Internacional Questões Contemporâneas sobre Paisagem", realizado dias 9 e 10 de abril de 2014, na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 2014.

Origens da paisagem em Augustin Berque: pensamento paisageiro e pensamento da paisagem
Hugo Leonardo Marandola e Livia de Oliveira

MAXIMIANO, Liz Abad. Considerações sobre o conceito de paisagem. **RA'E GA**. n.8, Curitiba: UFPR, 2004, p.83-91.

PADUA, Letícia Cristina Teixeira. A geografia de Yi-Fu Tuan: essências e persistências. **Tese** (doutorado). Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 2013.

SCHACHTER, Bony Braga. Forma e movimento: a teoria da pintura de paisagem na China, 229-589. **Concinnitas**, v.2, n.19, p.1-20, 2011.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. (Trad. Livia de Oliveira) Londrina: Eduel, 2012.

Submetido em Janeiro de 2018.

Aceito em Fevereiro de 2018.

